

#### 4 – E DEUS HABITOU ENTRE NÓS

O cataclismo final da Lemúria não alterou basicamente da situação de equilíbrio e estabilidade ecológica do planeta. As enormes perturbações climáticas foram passageiras, desaparecendo ao se desfazerem as densas nuvens de poeira e resíduos lançados na atmosfera, obscurecendo o Sol. Durante um tempo, reduziu-se em muito o calor e a luz que chegavam à superfície. Mas o eixo terrestre e o eixo celeste continuaram alinhados, superpostos. E não existiam geleiras nas calotas polares.

Para o entendimento do que ocorreu na etapa seguinte da evolução da Terra e da Humanidade - a civilização atlante -, vamos aqui descrever sucintamente a situação astronômica e ambiental do planeta na época, segundo o relato ocultista, comparando-a com a situação atual. Alguma conceituação é necessária.

O eixo terrestre é a linha imaginária ligando o polo sul ao polo norte e passando pelo centro geométrico da esfera terrestre. Representa a linha em torno da qual se faz o giro do globo, o movimento de rotação que se traduz na alternância de dia e noite. Na linguagem do Ocultismo, é o tubo cósmico por onde fluem as energias sutis da Natureza que ligam o Céu e a Terra.

O eixo celeste é a linha imaginária passando também pelo centro geométrico da Terra, mas perpendicular à eclíptica, sendo esta o plano da órbita do planeta. Nas eras lemuriana e atlante, o eixo celeste unia os polos, igual ao eixo terrestre. O equador terrestre estava no mesmo plano da órbita. Desta forma, os dois eixos eram uma linha única, ou seja, coincidiam, estavam superpostos, alinhados.

Em decorrência desse alinhamento, cada parte da superfície terrestre expunha-se à radiação solar o ano inteiro da mesma forma. Havia alguma diferença na intensidade da radiação recebida, em decorrência da latitude, com a região equatorial recebendo os raios solares num ângulo mais vertical. Porém isso não era suficiente para provocar grandes diferenças de temperatura de uma área para outra, até porque a atmosfera funcionava como equalizador do clima mundial. Com os eixos alinhados, o clima apresentava-se praticamente o mesmo por toda parte (à exceção das montanhas mais altas, mas aí pela rarefação atmosférica).

Atualmente, esse alinhamento não existe mais, tendo desaparecido no primeiro cataclismo atlante (não no lemuriano). Hoje, o eixo terrestre continua ligando os polos, mas inclinou-se em relação à eclíptica. O equador não está mais no plano da órbita. A inclinação tem o ângulo de 23 graus e 27 minutos.

Esse desvio tornou-se o fator da diferenciação das estações do ano e levou à formação das calotas de gelo nos polos, as quais, por sua vez, passaram a acentuar as diferenças entre as estações climáticas.

Com a inclinação do eixo terrestre, algumas partes da superfície passaram a estar diretamente voltadas para o Sol em certas épocas do ano, ficando outras num ângulo mais oblíquo em relação à incidência dos raios solares, que assim as aquecem menos nesses períodos. Depois, ao longo do ano, as regiões trocam de posição: as que rece-

biam mais calor passam a receber menos, e vice-versa, numa alternância que se repete anualmente. Em função da posição do planeta na órbita em cada estação, a diferença é enorme: ora é o pólo norte que se aquece mais, ora, opostamente, o polo sul. Em cada época, as geleiras polares diminuem em um dos polos e crescem no outro, e vice-versa. Isto é o que causa a alternância das estações: quando é verão no sul, é inverno no norte, e vice-versa, com a primavera e o outono representando as transições.

Na antiga situação de alinhamento dos eixos terrestre e celeste, o clima mundial equalizado acarretava a inexistência de calotas de gelo nos polos (a Tradição registra a ocorrência de eras glaciais periódicas). Hoje, as geleiras polares, que crescem e diminuem alternadamente no inverno e no verão em cada hemisfério, funcionam como fatores e reguladores do regime das estações do ano (o fenômeno das eras glaciais continua existindo, aparentemente de 30 mil em 30 mil anos).

Na Lemúria e na Atlântida, não havendo gelo polar e não existindo as estações, o equilíbrio climático oferecia as condições fundamentais para o equilíbrio ecológico, tanto entre diferentes aspectos da Natureza como entre esta e os humanos de então. A estabilidade das condições ambientais tendia a colocar a Natureza como aliada dos seres vivos, e não como adversária. Houve também uma certa equalização dos temperamentos humanos, a partir da uniformidade climática induzindo a um mesmo padrão de alimentação.

Também o alinhamento do eixo do planeta com o tubo cósmico por onde fluem as energias entre o Céu e a Terra gerava boas condições astrológicas e magnéticas, numa perspectiva mágica (ainda) impossível de ser concebida racionalmente.

Tudo somado, a Terra por inteiro era sagrada.

O colapso da Lemúria criou uma espécie de vazio, um interregno no andamento do Programa da Evolução. As Hierarquias Criadoras o aproveitaram para acentuar o impulso da diversificação e multiplicidade da experiência evolucionar, condição necessária ao seu enriquecimento. Relembremos aqui que tais Hierarquias eram as consciências evoluídas nos Sistemas anteriores, com destaque para os Kumaras, chamados de os Senhores de Vênus.

O planeta Vênus que conhecemos no mundo físico, estudado pela Astronomia com o auxílio de telescópios e sondas espaciais, é o aspecto objetivo do palco onde a Hierarquia dos Kumaras atingiu o seu auge. Aí se esconde uma realidade espiritual ainda impossível de ser diretamente acessada pela nossa consciência. Mitologicamente, os Kumaras vieram dali para a Terra no episódio da Queda ou Descida do Quinto Planetário (Capítulo 3).

Na astronomia dos gregos e romanos antigos, o planeta Vênus, quando visto logo antes do amanhecer, era chamado respectivamente de Fósforo e Lúcifer (sendo Lúcifer um dos nomes do Quinto). Ambas as palavras significam “Portador de Luz”, denominação que encerra um duplo sentido. Explicada factualmente, tem a ver com a circunstância de que, quando sua posição na órbita o coloca entre o Sol e a Terra (elongação oeste), aquele astro ergue-se do horizonte pouco antes do Sol, como que “tra-

zendo-o”. Na mitologia ocultista, Lúcifer vem a ser identificado com Prometeu, o herói que “trouxe a luz”, o fogo dos Deuses, o Mental, o raciocínio, para os seres humanos, aceleradamente - tendo sido castigado por isso: amarrado a um rochedo, uma águia vinha comer-lhe o fígado. Lúcifer também sofreu punição.

Quando na posição oposta (elongação leste), Vênus é avistada logo após o ocaso. Os astrônomos antigos pensaram durante muito tempo que se tratava de dois astros diferentes, o do anoitecer chamado de Vésper (“o dia anterior”, por se relacionar com o crepúsculo, que prenunciava o dia seguinte). Cada qual era visto em uma época do ano.

Segundo Blavatsky, os Kumaras, em número de sete (7), são representados como jovens de 15-16 anos. Depois de completarem sua evolução em Vênus, quatro (4) seres dessa Hierarquia Criadora vieram para a Terra, encarnando-se aqui em meados da era lemuriana. Assumindo forma terrenal, chegaram a procriar com humanos. Na mitologia ocultista, eles chefiaram as hostes do Quinto Anjo ou Planetário e são os progenitores dos Reis Divinos e os fundadores da Grande Fraternidade Branca. Coube a esta redesenhar o Programa da Evolução, projetando as bases do surgimento da Atlântida com sua Civilização, que chegaria à primeira Idade de Ouro da espécie humana.

Para começar, o colapso da Lemúria não fora total. Houve sobreviventes em grandes números, que se redistribuíram pela Terra, o suficiente para o redesenho em larga escala do mapa das populações. Isto viria a propiciar um rápido enriquecimento cultural dos povos, pela multiplicação das experiências nos confrontos e contatos uns com os outros, com o meio ambiente e com variados níveis de liderança (como veremos adiante).

No final da era lemuriana já havia uma certa diferenciação de tipos humanos. Isto ocorreu porque, embora o clima fosse uniforme, muitas populações viveram nas montanhas, outras nos vales ou no litoral, ao longo dos milênios, em ambientes distintos entre si. Também contribuiu para diferenciá-los a miscigenação com alienígenas. Esta palavra é empregada aqui (v. capítulo 2) com significação diferente da atual, de “extraterrestres”, assunto a ser abordado mais adiante).

Depois do afundamento da Lemúria e ao longo de milhões de anos, outras terras emergiram e o mapa dos continentes ganhou nova configuração. Ao influxo das Hierarquias Criadoras, a evolução dos remanescentes humanos lemurianos e do meio ambiente foi criando as condições para o surgimento de uma nova raça mãe, aquela que ficou conhecida na Tradição pelo nome de atlante. Na mitologia grega, a memória ancestral dos atlantes mesclou-se com a evocação dos deuses e heróis. No panteão grego, Atlas era um titã que sustentava nos ombros a abóbada celeste. Sendo o quarto titã, Atlas foi identificado, na mitologia ocultista, com o Quarto Planetário. Seu nome inspirou o termo Atlântida, designativo das terras onde viveram os atlantes. Para isto contribuíram também duas circunstâncias. Primeiro, a raça atlante foi a quarta raça mãe - segundo a história da evolução do ponto de vista ocultista, depois da adâmica, hiperbórea e lemuriana. E segundo, o advento dos atlantes foi possível porque àquela

altura já estavam plenamente concretizados os quatro reinos da Natureza - mineral, vegetal, animal e hominal.

Ps.: Raça, no sentido de estado de consciência evolucionar.

Hoje, a região do mundo mais procurada pelos turistas interessados em desfrutar das benesses da Natureza em uma situação de estabilidade (perturbada por furacões durante alguns dias por ano e por vulcões em alguns pontos) é o Caribe. Faz sol praticamente o ano inteiro. O clima quente é temperado pela brisa marinha. Há milhares de praias em uma infinidade de ilhas, as Antilhas.

Segundo Henrique José de Souza, o nome “Antilhas” deriva de “atlantilhas”, ilhas atlantes. Aquelas ilhas são o que resta do continente onde viveram os atlantes, e onde reinava a eterna primavera, estação única de clima temperado e uniforme por todo o globo terrestre, conforme visto no início deste capítulo.

(Há notícia da ocorrência, na Atlântida, de períodos em que se formaram geleiras no polo norte, por um processo ainda hoje existente - a glaciação - cujas causas ainda são cientificamente desconhecidas, tendo os atlantes aprendido a contornar seus efeitos).

Na atual região caribenha ficava a maior parte do território do Império Atlante original. Sua capital central, a Cidade das Portas de Ouro (para os eubióticas, Shamballah-na-face-da-Terra), situava-se cerca de 15 graus ao norte do Equador, segundo Arthur E. Powell (obra citada). A localização referida por esse autor vem a ser perto do meridiano que passa pelo Cabo Branco, na Paraíba, hoje o ponto mais oriental do Brasil e da América do Sul.

Informações de fontes eubióticas (Henrique José de Souza e Ernani Portela, obras citadas) apontam para um outro centro da civilização atlante, a Cidade dos Telhados Resplandecentes, no atual Mato Grosso, Brasil (para os índios, Matatu Araracanga ou “Cabeceira das Araras”). A existência dessa cidade na distante antiguidade tem confirmação indireta em dois mitos (inter-relacionados) acreditados pelos europeus dos séculos XV e XVI: o Eldorado, lugar de estupenda riqueza, procurado pelos primeiros desbravadores que chegaram à América do Sul; e a Misteriosa Z, ponto místico, fonte de poder e abundância, perdido nos sertões do oeste do Brasil. O desejo de encontrar estes dois lugares fez parte da mística de muitos bandeirantes.

Os eubióticas referem-se também a Manoa (na Amazônia, lembrando o nome “Manaus”); e mais três grandes cidades no que viria a ser o Novo Mundo: uma onde é hoje a Ilha de Itaparica e duas nos Estados Unidos, respectivamente na Califórnia e perto de El Morro, em Arkansas, no meio-oeste. Na Europa, sabe-se de Romakapura (na atual Itália). No Oriente, Ariavarta (Índia); e finalmente outro grande centro atlante, no Egito. Tudo, no mais remoto passado atlante. Fontes teosóficas destacam a Cidade da Ponte, que, depois do primeiro cataclismo da Atlântida, abrigou um remanescente dessa civilização, na atual Mongólia.

Naquela época, a evolução humana era extremamente lenta. A cultura conservava sua identidade durante dezenas de milênios, quase sem alteração. Portanto, a descrição a

seguir refere-se a traços básicos que atravessaram os tempos e foram comuns aos povos atlantes em geral, com particularidades que não alterariam a visão de conjunto.

## O QUE SE SABE DA VIDA ENTRE OS ATLANTES

O trecho seguinte baseia-se em uma variedade de fontes escritas (citadas na Bibliografia, no final deste volume) e orais (interlocutores da área da Teosofia e da Eubiose).

Com a redistribuição demográfica, a Tradição registra, já no início da Era da Atlântida, há quatro/cinco milhões de anos, a existência de sete tipos básicos de humanos.

O continente atlante ocupava o espaço onde hoje se encontra o Oceano Atlântico norte e parte do Atlântico sul. Tradicionalmente chamados de sub-raças da quarta raça mãe, a atlante, seus tipos humanos são: romoahal, tlavatli, tolteca, turânios, semitas, acádios e mongóis. Há poucas indicações sobre qual teria sido a população da Atlântida, mas a Tradição registra que, por ocasião do cataclismo atlante final, pereceram 64 milhões de habitantes, a totalidade da população da ilha de Poseidonis. A da velha Atlântida, antes do primeiro cataclismo, o mais arrasador, seria pelo menos 10 vezes maior.

Os romoahals, de pele negra azulada, eram pastores que migraram sob a direção dos Reis Divinos. Os tlavatlis, de tez amarela, uma gente pacífica, também comandada por Reis Divinos. Os toltecas, de cor avermelhada escura, eram belos, de grande estatura, guerreiros, civilizadores e colonizadores. Os turânios (ou turanianos), guerreiros brutais, designados nos antigos documentos hindus pelo nome de rakshasas ou “comedores de carne”. Os semitas (arcaicos, distintos dos modernos), povo irrequieto e buliçoso, viriam a dar origem aos hebreus (dos quais sairiam os judeus e os árabes), na quinta raça mãe, ariana. Os acádios, migradores, espalharam-se na bacia do Mediterrâneo e originaram os pelagos, etruscos, cartagineses e citas. Os mongóis procederam dos turânios e povoaram principalmente o norte da Ásia.

Tlavatlis, toltecas e turânios migraram do norte pleno, onde viveram inicialmente, mais para o sul, há três milhões de anos, quando ocorreu uma glaciação excepcionalmente grande. Ao longo dessa migração, eles foram deixando núcleos que, no então remotíssimo, no futuro, viriam a tornar-se as culturas que a arqueologia moderna conhece - dos toltecas, olmecas, maias, aztecas e, no hemisfério sul, de Teotihuacán, Macchu-Pichu, incas etc.

O contingente atlante que mais contribuiu para os traços característicos daquela civilização foram os toltecas. Para lidar com este ponto, é preciso tocar num desses mistérios difíceis de caberem na mente racional concreta.

Diz a Tradição que o *Manu* (guia do povo, patriarca) dos toltecas promoveu a vinda de numerosos Egos plenamente evoluídos no anterior Sistema da Lua. Eram consciências que tinham alcançado o máximo desenvolvimento possível naquele Sistema. Estando este desativado, tais seres (então, de natureza mental) não mais possuíam

meios de formar corpos físicos à maneira lunar, única acessível a eles, já que eram daquele Sistema. Assim, fora do mundo material, o grande palco da Evolução, não tinham como continuar evoluindo. Por isso aceitaram uma espécie de troca onde entraram com seu nível de consciência bem mais incrementado que o dos toltecas e saíram ganhando a oportunidade de encarnar nos corpos deles.

Sobre esta base constituiu-se o primeiro Estado centralizado e autocrático: o império atlante. O Manu, como imperador, ficou no centro do sistema cultural, político e econômico. Delegava a governadores (vice-reis) o mando sobre as províncias do império assim integrado. Era o “governo dos sábios”, ficando cada governador com a integral responsabilidade de garantir a distribuição de alimentos e recursos em geral necessários à vida. Incluíam-se aí saúde, educação, justiça, segurança, assistência médica, seguridade social para todos e mais o sustento dos maiores de 45 anos e dos incapacitados. Se faltava alguma coisa a uma província, grupo ou pessoa, o governante provincial era o responsável pelo suprimento da carência. Se ele começava a falhar, o Manu-imperador o destituía e nomeava outro.

Os traços gerais aqui descritos referem-se ao período da Idade de Ouro Atlante, isto é, não prevaleceram o tempo todo. Quando chegou a decadência desta civilização, tendências doentias ou perversas foram ganhando relevo, e a mesma terminou marcada pela guerra crônica e o emprego de pesadas formas de magia como instrumento de dominação.

Enquanto isso não acontecia - isto é, no apogeu atlante - as crianças, aos doze anos de idade, quando se destacavam pela vidência, a clarividência e a sensibilidade (atributos aliás nada incomuns naquele meio), eram enviadas às escolas de nível mais alto. Aí desenvolviam suas aptidões psíquicas, estudando Química (fundida à Alquimia), Aritmética, Astronomia (identificada à Astrologia), bem como as forças sutis da Natureza. Dos demais indivíduos (a maioria) só se requeria a capacitação adequada ao exercício das profissões correntes: artesanato, agricultura (muito valorizada), pecuária etc.

No seu estágio de desenvolvimento intelectual, os atlantes tinham um muito limitado senso de abstração. Desconheciam a generalização de conceitos, o pensamento se pautava pela experiência direta, sendo a aritmética e o conhecimento em geral tratados como magia. A arte da música era incipiente, com instrumentos muito simples. Na pintura, limitavam-se a um plano sem perspectiva e carregavam nas cores. Na arte do antigo Egito, estas características chegariam se fazer presentes.

Aos 45 anos, o indivíduo se afastava do sistema produtivo e ia servir à administração pública, integrando o “conselho dos sábios” de sua comunidade. Tornava-se pensionista do Estado e tinha acesso ao lazer. Até essa idade as diversões não eram acessíveis às pessoas, que viviam absorvidas no trabalho e no culto.

Não se fazia distinção de sexo para o exercício de qualquer cargo no Estado, mas a situação de homens e mulheres não era igual, uma vez que existia a poligamia.

A Ciência e a Tecnologia típicas da cultura atlante apresentavam uma diferença fundamental em relação ao modo moderno. As máquinas, embora sendo algumas de grande porte, eram um misto de aparelhos e símbolos. O melhor aparelho de todos era o próprio corpo humano com suas funções plenamente desenvolvidas nos indivíduos que já traziam alto potencial inato desse tipo. A Medicina, exercida pelos sacerdotes, também recorria à sensibilidade. A função sacerdotal era, em geral, hereditária. Praticamente todo mundo conhecia a cura magnética e as propriedades curativas das plantas etc.

Dominou-se o processo de utilização do **prâna**, a energia vital, num estado denominado *vril*. Processada pelo corpo do operador (naturalmente dotado - com predomínio das mulheres -, treinado nas escolas), essa energia movia veículos aéreos e de superfície (terra e água). Uma aeronave chegava a transportar até cem pessoas e não podia subir acima de algumas centenas de metros, porque o ar rarefeito não interagia o suficiente com os jatos de *vril* lançados por tubos que partiam do gerador etérico instalado no centro da embarcação.

Tal energia também era utilizada para fazer funcionar artefatos que invertiam a direção do empuxe da gravidade, gerando repulsão onde normalmente há atração. Com isto, elevavam-se facilmente grandes pesos, o que possibilitou as mega construções de pedra que caracterizaram a arquitetura daqueles povos.

Havia ricos e pobres, com os níveis intermediários, e uma classe de trabalhadores escravos. A principal forma de escravização consistia no aprisionamento de inimigos nas guerras.

Nas artes divinatórias, trabalhava-se com plantas, minerais e os astros, como apoio para a percepção sensitiva.

Criou-se um tipo de escrita pictórica, acessível à elite instruída. Era feita sobre finas lâminas de metal de superfície semelhante à da porcelana. Para a gravação, recobria-se a lâmina com uma camada de certo líquido. O idioma tolteca, aglutinante, tornou-se a língua universal.

No meio ambiente otimizado pela eterna primavera, a base da alimentação dos atlantes eram as frutas. Também se consumia pescado, além de cereais. Não se utilizava o sal. Havia algumas populações marginais àquela cultura, com costumes bem diversos, que ganhariam vulto e espaço ao iniciar-se a decadência. Na fase já terminal, comiam-se alimentos preparados com as vísceras e o sangue dos animais, sendo a carne desprezada.

Ainda na Idade de Ouro: não existia dinheiro, praticando-se o escambo (troca direta de bens e serviços), mas chegou-se a adotar, no meio da elite, discos de metal ou couro com um furo no centro, que eram trazidos presos à cintura e funcionavam como notas promissórias.

As terras produtivas, os meios de produção e os produtos pertenciam ao Rei, que controlava inclusive a distribuição de água: a adutora se localizava na área do palácio

real, este sempre no ponto mais alto de cada cidade. Havia cidades imensas, com água encanada nas casas feitas principalmente de pedra.

Os atlantes possuíam locais sagrados, as Terras do Sol, onde foram construídos templos descomunais, junto dos quais os do antigo Egito, como o de Luxor, seriam pequenos. Neles praticava-se o culto ao Sol e ao Fogo e adorava-se o Imperador como personificação dos mesmos.

Durante a longa fase da Idade de Ouro dessa cultura, não havia imagens nem objetos de representação da Divindade. A exceção era um disco de ouro, colocado no templo na posição adequada para captar os raios do Sol nascente no equinócio da primavera e no solstício de verão.

O poder político era hereditário, teocrático, sustentado pelos sacerdotes e guerreiros diretamente subordinados à autoridade absoluta do Imperador. No apogeu atlante, a capital central, cercada por muralhas altíssimas, era inacessível ao povo em geral, sendo reservada a um elite formada pelo monarca.

A exata composição do núcleo do governo imperial é misteriosa. Pelo que se pode compreender, a função de Imperador cabia a um casal de irmãos, às vezes apresentados como gêmeos. Havia uma terceira figura, a do sumo sacerdote, que ritualisticamente comandava a ligação entre o casal imperial, considerado divino, e os súditos. O conjunto dos três era a Tríade Sacerdotal, detentora do poder supremo em todos os aspectos.

A estrutura política e administrava do Estado encontrava-se completamente entrelaçada com a base sacerdotal e religiosa. Cultivava-se e praticava-se uma religião/ciência, em um conceito bem diferente do atual, a começar pelo fato de que a mesma conferia poderes factuais, reais, de natureza psíquica e mental. Os governantes da Atlântida eram grandes magos, do que o povo tinha provas.

O império atlante original dividia-se em sete grandes províncias, cada qual com sua capital, todas orbitando a oitava, a Cidade das Portas de Ouro.

No livro “Eubiose, A Verdadeira Iniciação” (Editora Aquarius), informa o Prof. Henrique José de Souza.

*“Na Atlântida, o Governo terreno era feito entre os Sete Irmãos ou Dianis— os chamados ‘Sete Reis de Edom’ (Eden ou Paraíso Terrestre), sendo que o geral [temporal] se encontrava na Quarta Cidade, enquanto que o espiritual, representando o Mundo Divino, na Oitava, razão de suas altíssimas muralhas, que os rakshasas negros, os lemurianos da raça anterior, quiseram destruir para ver o que por detrás das mesmas se passava. [Aparentemente, JHS refere-se aqui a segmentos dos povos atlantes onde ainda predominava o estado de consciência lemuriano]. Por isso, procuraram construir a tradicional ‘Torre de Babel’.”*

Os rakshasas mencionados eram um povo belicoso, principal responsável pelo flagelo da guerra crônica que atravessou o final daquela civilização e acabou por uma cata-

clísmica derrocada. Não eram os únicos briguentos. Geralmente identificados com os turanianos, rivalizavam com os toltecas no temperamento guerreiro.

Mas apesar disso, a Atlântida, graças à Idade de ouro e à Eterna Primavera – profundamente marcantes enquanto duraram - ganhou na memória ancestral da Humanidade a imagem de uma civilização de tranquilidade e paz.

O equilíbrio climático resultava de que o eixo terrestre e o eixo terrestre coincidiam, mas segundo a Tradição os rakshasas não se enquadraram nessa relativa uniformidade. Até certo ponto, nem os turanianos. E o descompasso destes esteve na origem dos conflitos que iriam redundar no colapso do império atlante.

A capital do governo temporal, a Quarta Cidade Atlante, aquela que ficava no atual planalto matogrossense, era habitada pelos turanianos, que ainda não tinham alcançado o pleno desenvolvimento do princípio mental concreto ou raciocínio factual.

### **RAIOS ESCUROS DA LUA: A MAIS MEDONHA DAS ARMAS**

A elite da Quarta Cidade ansiava pela superação de tal estágio. A partir daí foi ganhando corpo e forma uma rebeldia contra a política da casta sacerdotal instalada na Cidade das Portas de Ouro, de manter trancados, segredos que os comuns dos mortais ainda não estariam preparados para conhecer.

Sendo os turanianos e os toltecas afeitos à guerra, ao longo dos milênios envolveram-se em muitas conflagrações, às vezes atacando as outras capitais, espalhadas pela Terra, às vezes até entre eles mesmos.

Os artefatos bélicos se desenvolveram. Escritos hindus antigos (o “Mahabharata” e os “Puranas”) relatam terríveis ataques aéreos onde se despejavam sobre o inimigo, bombas de um pesado gás venenoso. Há interpretações no sentido de que certa arma que usava “a energia que está dentro da matéria”, citada nos Vedas, era uma arma nuclear. No corpo-a-corpo, usavam-se lanças e espadas. Empregava-se certo instrumento que lançava feixes de setas.

Uma grande força armada, integrada por multidões de turanianos e toltecas, atacou a sede do poder supremo, residência do Imperador, do sumo-sacerdote e da Corte, a Oitava Cidade, a das Portas de Ouro. O ataque foi desfechado por uma frente que enfeixava o poderio de quatro das capitais provinciais. Houve também assaltos decisivos às cidades que não aderiram à frente rebelde, e a guerra tornou-se mundial, a primeira da História e do Mito, e também a mais devastadora.

Para decidir a parada, os atacantes lançaram mão de uma arma tenebrosa, que a Tradição chama de Raios Escuros da Lua. Essa arma destruía em massa o corpo vitalpsíquico dos atingidos, que se tornavam como zumbis.

Os invasores da Oitava Cidade tiveram uma vitória – aparente, pois na realidade foi uma formidável derrota. Invadiram a capital, mas a encontraram vazia. Sobre o signi-

ficado deste “vazio”, há dois entendimentos diferentes. Em um, o Imperador, a liderança e a Corte tinham-se retirado previamente, levando seus tesouros de conhecimento e seus instrumentos de poder sagrado. Em outro, a retirada envolveu não o aspecto físico, mas o espiritual, transcendente. Nesta versão, os invasores chegaram a matar o Imperador (os gêmeos imperiais) e até a devorar seus corpos na tentativa de assim absorver-lhes a essência, numa grande operação mágica. Mas este intento frustrou-se porque aqueles corpos já estavam desprovidos de valor essencial. De qualquer forma, segundo o Mito, a liderança espiritual atlante foi refugiar-se na Terra Imperecível que Nenhum Cataclismo Pode Destruir, também chamada de Sanctum Sanctorum da Mãe-Terra.

A partir deste magno acontecimento, ali se formaria o Reino de Agartha, no interior do planeta, em torno do Poder Espiritual retirado da superfície, e que foi se sediar no mais sagrado dos lugares, Shamballah interiorizada.

Na invasão da Cidade das Portas de Ouro, o segundo escalão igualmente saiu fora. Muito tempo depois (milhares de anos), reapareceria na região do Trans-Himalaia, que se estende do norte da Índia, passando pelo Tibete, ao remoto interior da Ásia, no hoje deserto de Gobi, então um mar, na atual Mongólia. Ali foi por eles estabelecida, em uma ilha, a Cidade da Ponte.

O escritor polonês Ferdinand Ossendowski, no livro “Animais Homens e Deuses” (obra citada), refere-se a uma antiquíssima tradição mongol, sobre os domínios subterrâneos do Rei do Mundo, que se chamava Rigden-Jieppo. Tal mito era tido como verdade factual pelo povo, a partir dos ensinamentos e práticas das autoridades religiosas do lamaísmo do ramo mongólico, similar ao do ramo tibetano, porém independente.

O reino subterrâneo de Agartha com sua capital Shamballah tornou-se uma realidade espiritual que é desde então, para o Ocultismo clássico, a fonte da mitologia e da mística relacionada com as Terras Sagradas que a História tem identificado e conhecido. Nas mais diferentes culturas antigas, reconhece-se a existência de um centro supremo que, sob uma variedade de nomes, tem referência geográfico/mítica. Dali emana a força espiritual que conduz, de diferentes maneiras, o mundo e a Humanidade. No perfil lendário de cada uma delas, há sempre uma ligação direta ou indireta com esse centro, por meio de emissários, profetas, passagens dimensionais, fórmulas mágicas etc. As ligações se situam em distintas profundidades, seja da auréola da Lenda, seja da crosta terrestre. No próximo cap., o assunto será mais detidamente exposto.

No livro “Eubiose, a Verdadeira Iniciação”, Henrique José de Souza informa (obra citada, p. 191): “Shamballah é a Oitava cidade subterrânea que, conjuntamente com as outras sete, a ela subordinadas, forma o tão debatido e, por isso mesmo, pouco conhecido Reino de Agartha ou também denominado Laboratório do Espírito Santo”.

Prossegue HJS:

*“René Guénon,[1886-1951] em ‘Le Roi du Monde’, afirma existir uma ‘Terra Santa’, protótipo por excelência de todas as outras ‘Terras Santas’, centro espiritual ao*

*qual todos os outros centros são subordinados, 'Terra da Imortalidade', e que Platão denomina de Região dos Bem-aventurados”.*

E acrescenta uma observação que tem tudo a ver com o tema do presente livro:

*“Sua representação na superfície da Terra encontra-se atualmente no Brasil, a Nova Canaã ou Terra da Promissão para todos os povos que como tal a considerarem”.*

A fundação do reino subterrâneo preservou os valores da Evolução, colocando-os a salvo do cataclismo que varreu a face da Terra em consequência do emprego maciço da terrível arma na guerra mundial na superfície. Quando da invasão da Cidade das Portas de Ouro, em alguns dias, talvez horas, o eixo do planeta “cambaleou”, inclinou-se. As massas oceânicas despejaram-se sobre os continentes em marés descomuns. As portentosas capitais foram varridas do mapa. A Atlântida esfacelou-se em sete grandes pedaços. Quando cessaram os terremotos e maremotos de proporções inimagináveis, o eixo terrestre estava inclinado 23°28' em relação ao eixo celeste, que naturalmente continuou perpendicular à eclíptica.

Sobre o momento da História em que isto ocorreu, as informações são desencontradas, talvez propositalmente obscuras. Da mescla de indicações de fontes mitológicas, ocultistas, mágicas e religiosas, depreende-se que algo ocorreu ao longo de cerca de 900 mil anos, não em um único acontecimento, mas em vários incidentes que foram somando-se para produzir o fim do meio ambiente físico, magnético e psico-mental onde existiu a civilização dos atlantes.

Primeiramente, esfacelou-se o continente da Atlântida em sete grandes subcontinentes. Muito mais tarde, outra convulsão telúrica reduziu-os a dois. Finalmente, restou a ilha de Poseidonis, que durou até cerca de nove ou dez mil anos a. C.. Os gregos antigos tinham memória dessa ilha, mencionada por Platão no diálogo de Crítias. Ali o remanescente da civilização atlante tinha subsistido por incontáveis milênios.

Para maior informação sobre a hecatombe da Atlântida, cabe uma transcrição de parte do artigo de Ernani M. Portela e C.V.H. Portela na mencionada Revista Dhâranã. Escreveram eles, começando pela referência ao primeiro cataclismo atlante, há uns 850 mil anos:

*“Havendo tão tremendos sismos causado a inclinação do eixo da Terra, em relação ao plano da eclíptica, em 23 graus e 28 minutos, originou-se o fenômeno climático das quatro estações anuais, assinalando o término da Satya-Yuga e o advento da Kali-Yuga que em sânscrito significam, respectivamente Idade de Ouro e Idade Negra.*

*Seria a Oitava Cidade Atlante, a das “Portas de Ouro”, recolhida nas profundezas oceânicas, quando do primeiro cataclismo ocorrido na Atlântida, para evitar que o Rei da Quarta Cidade, a dos “Telhados Resplandecentes”, onde se encontrava plantada a “Árvore da Ciência do Bem e do Mal”, viesse a tomar conhecimento, antes do Tempo, dos mistérios custodiados pelo sacerdócio de Melki Tsedek (Epístola aos Hebreus, 7:3]*

*O Continente Atlante ou de Kusha, ao sofrer o primeiro cataclismo, há cerca de 850 mil anos, foi dividido em sete enormes ilhas, ou subcontinentes, dada sua extensão considerável, onde se situavam aqueles sete Reinos habitados pelas sub-raças já citadas. Outro grande cataclismo, ocorrido por volta de há 299 mil anos, reduziu o grande conjunto para duas ilhas apenas, uma setentrional, denominada Ruta, e outra meridional, chamada Daitia. Nova grande catástrofe provocou desaparecimento de Daitia e reduziu Ruta à pequena Ilha de Poseidonis, colocada no centro do Oceano Atlântico, à qual se refere Platão no seu diálogo de Crítias, e que foi submersa no ano 9.564 a. C.*

Durante os últimos séculos da existência de Poseidonis, que ficava no meio do Atlântico, defronte da entrada do Mar Mediterrâneo, grande parte do hemisfério norte cobriu-se de gelo. Foi a glaciação de Würms, que terminou há cerca de 11 ou 12 mil anos. A pesquisa científica já reuniu provas mostrando a vinda da glacial como um fenômeno periódico, cujos vestígios geológicos encontram-se em diferentes eras. A mais recente foi a de Würms. No auge desta, as geleiras polares cresceram, avançando do pólo norte e descendo até o coração da Europa. O lugar onde hoje se encontra Paris estava dentro do gelo.

A data do colapso de Poseidonis, último ato da longa história da Atlântida, coincide com o fim da era de Würms. Há quem suponha que o Dilúvio bíblico teria resultado do rápido final da glacial. Com o derretimento do gelo acumulado, sobreveio o aumento em curtíssimo prazo do volume de água disponível para evaporação. A umidade atmosférica atingiu níveis altíssimos, redundando em ininterruptas trombas d'água que, segundo as Escrituras, duraram quarenta dias e noites.

Ainda mais: o acelerado colapso das geleiras elevou catastroficamente o nível dos oceanos. A massa de água engoliu ilhas e extensas regiões do litoral. Foi uma gigantesca maré que produziu sobre a crosta terrestre um impacto suficiente para causar formidáveis terremotos e erupções vulcânicas.

A Tradição registra que Poseidonis foi tragada pelas águas. As erupções submarinas provocaram grandes tsunamis que varreram a grande ilha. Tudo somado: no remanescente do mundo dos atlantes, 64 milhões de pessoa pereceram em questão de horas.

Esse dilúvio não foi tão “universal” quanto reza a Tradição. Longe de Poseidonis já havia outras terras habitadas, com povos que ficaram para semente da nova era que há tempos já se iniciara: a da Quinta Raça, Indo-ariana (Capítulo 5).

O que dá para entender dessa história é que, após a hecatombe final da Atlântida, a superfície da Terra como um todo perdeu seu caráter sagrado, restando “bolsões” de saúde física e mental aqui e ali (Terras Sagradas), em pontos específicos e em espíritos mais ou menos isolados.

O meio ambiente que se conservou globalmente sadio ocultou-se no interior profundo do Planeta, o Reino de Agartha com suas sete cidades em torno da Oitava, Shamballah interior. Desde então, na Tradição ocultista, a regeneração do sagrado nas terras

da superfície tem por base e sustentação aquilo que se liga a essa dimensão interna. Note-se que “regeneração” não significa “repetição” do que já passou. Seria, mais, uma reformulação, já que a Evolução, como já vimos, tem por figura geométrica representativa uma espiral ascendente.

Vale a advertência do Professor Henrique José de Souza, de que não se decifra tão facilmente o mistério do destino humano e dos desígnios da Mente Universal. Escreveu HJS:

*“Se nem aos próprios Adeptos [denominação de certo grau da Sabedoria Iniciática] é permitido desvendar os segredos da civilização atlante e as causas que determinaram a destruição de seu continente, que dizer dos homens vulgares, por muito sábios que se julguem aos olhos do mundo? Lendo o Timeu e o Crítias de Platão? A história de Diodoro Sículo que nos fala de uma nação governada pelas Amazonas, as quais viviam na ilha de Héspera, situada ao leste do lago Tritonis, próximo da Etiópia, e que, encorajadas pelos seus repetidos triunfos, conquistaram várias nações? Com Plutarco, na “Vida de Sólon”? Nas Histórias de Eliano? Com Virgílio, na sua “Eneida”? Através das epopéias de Homero? Pesquisando as escrituras encerradas nos mosteiros tibetanos? Pela leitura do Bhagavad Purana?...”*

*Não. Todo o acervo histórico é inexpressivo e frágil diante dos impenetráveis mistérios que se ocultam nas profundezas dos mares. Muitas histórias teceram-se a respeito, as quais, de resto, sempre contêm traços da verdade. Assim, porque não haveríamos, também nós, de contar a nossa, no começo, à guisa de crítica e depois... um sonho, uma visão ou fantasia? Historia quoquomodo scripta, delectat. (Plínio). “Seja qual for o tema e o estilo, a História é aprazível”.*

Os atlantes avançaram na construção da simbólica Pedra Cúbica, a Personalidade, que definiu a distância entre o Animal e o Hominal, aproximando um pouco mais o ser humano da sua origem divina. Mas ficaram a meio caminho, sofreram vacilações e recuos que desequilibraram seu mental e com ele o seu meio ambiente. O ataque à Oitava Cidade foi uma espécie de pecado original coletivo que acarretou a perda do paraíso ecológico.

## **OS 200 MIL ANOS DA GRANDE PIRÂMIDE**

A magnífica marca ainda hoje presente de sua passagem pelo mundo é a Grande Pirâmide. As escolas Iniciáticas vêm conservando há dezenas de milênios a informação de que foi construída muito antes que a civilização egípcia começasse a florescer no Vale do Nilo.

Segundo fontes teosóficas, a Grande Pirâmide foi construída em um data entre 210 e 200 mil anos a.C, quando já existiria uma florescente civilização onde viria a ser o Egito conhecido dos arqueólogos, datando este de apenas 6 mil anos no máximo. Pela versão teosófica, o portentoso monumento ficou submerso um longo tempo em consequência da catástrofe que destruiu Ruta e Daitia. Servia à iniciação nos mistérios

sagrados e funcionava também como repositório de segredos e tesouros, nada tendo a ver, originalmente, com a função de túmulo. O povo que o construía refugiou-se, no cataclismo de há 200 mil anos, nas montanhas da Abissínia, ali permanecendo durante incontáveis milênios.

Por outro lado, a volta ao Nilo desse povo longamente exilado poderia explicar como a civilização dos faraós (qual a dos sumérios) apareceu praticamente pronta de uma hora para outra, o que para a Arqueologia e a Antropologia modernas constitui um mistério. Quando os refugiados multimilenares regressaram ao fértil vale do Nilo, formado depois de secarem as águas da inundação de 200 mil anos antes, já trouxeram sua cultura pronta. Uma outra hipótese – até mais festejada – é que a civilização nilótica tenha sido estabelecida pelos retirantes da Ilha de Poseidonis, em movimentos migratórios que antecederam a destruição do último reduto da Atlântida.

Tudo isto contraria o registro deixado pelo grego Heródoto, que visitou o Egito há uns 2500 anos e deixou escrita a versão que ouviu dos sacerdotes: a construção data-ria mesmo do reinado do faraó Quéops, uns 2300 anos antes do tempo do grego. Quéops teria escravizado o povo para obrigá-lo a trabalhar na obra e, segundo as informações que Heródoto deixou escritas, prostituiu a princesa, sua filha, para financiar a conclusão do projeto.

A explicação para a radical discrepância entre essa história e a que a Tradição conhece reside em que na época de Heródoto a civilização egípcia se encontrava em plena decadência e a antiga religião-ciência dos faraós tinha-se corrompido. Os sacerdotes de então, inteiramente desligados da Tradição oculta, possuíam informações deturpadas e falsas. Só nas ordens ocultas se conservava a verdade dos fatos.

Segundo a Tradição esotérica, nem a pirâmide dita de Kheops, nem as menores, de Kefren e Miquerinos, eram túmulos. Entre seus vários significados e funções, estava a evocação da figura do Homem Cósmico, com a parte superior, a Tríade, Mente plena, o Espírito iluminado, montada sobre a base, o Quaternário, a Pedra Cúbica, a própria personalidade. Por isso estas construções têm base quadrada (Pedra Cúbica) e lados triangulares (Tríade Superior). Segundo Blavatsky, a pirâmide era também um templo ao Sol, uma espécie de Livro de Pedra com o registro da Ciência dos Antigos ou Arcana e um centro de iniciação ritualística dos membros da família real egípcia. Este rito terminava na Câmara do Rei, onde o chamado Sarcófago era na realidade uma fonte batismal.

Um estudioso dos mistérios da Antiguidade mítica, Sebastião Vieira Vidal (membro da S.B.E., in memoriam), sustentava que a Grande Pirâmide encerra recintos e salas ainda desconhecidos dos arqueólogos. Segundo Vidal, existe no subsolo diretamente abaixo, uma antipirâmide, aliás, uma pirâmide invertida, com o vértice apontando para o nadir (ponto diametralmente oposto ao zênite, para onde aponta a pirâmide visível).

Vidal informava que a Grande Pirâmide era também um processador das energias cósmicas (Fohat, emitida pelo Sol Verde oculto no Espaço exterior) e telúricas (Kun-

dalini, radiada pelo Sol Rubro, Surya, oculto no Espaço interior, e do qual a estrela Sirius - Alfa do Cão Maior - é um reflexo). Suas paredes externas eram recobertas de placas de prata tratadas de forma a permitir a otimização das condições ambientais e magnéticas em geral.

No bojo das catástrofes atlantes e para contrabalançar as perdas evolucionais acarretadas pelas mesmas, apareceram os Manus, condutores de povos, trazendo sementes para as novas gerações que se destinavam ao repovoamento da Terra com seres humanos inseridos no contexto da Programação do Governo Oculto do Mundo.

Este repovoamento não deve ser entendido como partindo do zero, uma vez que houve muitos sobreviventes, fosse em pontos da superfície, fosse em bolsões localizados em imensas grutas e cavernas. As “novas gerações” às quais se refere o texto acima seriam as gentes que formariam a Raça Mãe seguinte, Indo-Ariana, com um novo nível de percepção ou estado de consciência.

O repovoamento em questão foi aquele feito a partir das regiões mais interiorizadas do Centro da Terra, o Sanctum Sanctorum da Tradição iniciática, a Terra Imperecível que Nenhum Cataclismo Pode Destruir, o Reino de Agartha. Um espaço entre físico e hiperfísico, dimensional, equilibrado entre o mundo dos *fenômenos* – aquilo que comumente chamamos de “a realidade”- e o mundo dos *númenos* (do grego *nôumenon*) – aquilo que costumamos chamar de “o Imaginário”. A Filosofia distingue os “fenômenos”, objetos que se conhecem por meio dos sentidos, dos “númenos”, objetos que só podem ser conhecidos pelo pensamento.

Os recentes avanços científicos e tecnológicos tendem a promover uma aproximação entre o *númeno* e o *fenômeno*, mostrando como o conhecimento arcano/antigo chegou bem mais perto de certas propriedades do Universo do que a ciência moderna até agora. Há uma convergência, dentro da qual, no campo do conhecimento ecológico, a idéia de Terras Sagradas vai deixando de ser vista como uma noção exclusivamente mística. E é esta convergência que marca o próximo capítulo da aventura humana conforme narrada pela Tradição ocultista.